



# Dissonância

*revista de teoria crítica*

ISSN: 2594-5025

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Estadual de Campinas

[www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica)

<b>Título</b>	Adorno. A negatividade e as normas
<b>Autor/a</b>	Felipe Catalani
<b>Tradutor/a</b>	
<b>Fonte</b>	<i>Dissonância: Revista de Teoria Crítica</i> , v.2 n.2, Dossiê Marx & Simmel, 2º semestre de 2018, pp. 466-473
<b>Link</b>	<a href="https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/workflow/index/4307/5">https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/workflow/index/4307/5</a>

Formato de citação sugerido:

CATALANI, Felipe. “Adorno. A negatividade e as normas”. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v.2 n.2, 2º semestre de 2018, pp. 466-473.

# ADORNO

## A NEGATIVIDADE E AS NORMAS

Felipe Catalani<sup>1</sup>

Resenha de *Adorno's Practical Philosophy: Living Less Wrongly*, de Fabian Freyenhagen (New York: Cambridge University Press, 2013, 285p).

Fabian Freyenhagen pertence a uma geração de acadêmicos que está, já há algumas décadas, reinterpretando a tradição “continental” a partir de um ponto de vista colocado pela filosofia anglo-saxã. O público para o qual Freyenhagen busca explicar aspectos da filosofia moral adorniana é um público que se acostumou a estudar filosofia dessa perspectiva. No caso de seu livro, isso se manifesta tanto em sua forma de apresentação, bastante clara e, por vezes, excessivamente esquemática, como pelas questões colocadas. Para o leitor de Adorno que tem seu horizonte de problemas teóricos na tradição marxista e/ou no ensaísmo filosófico, a dicção do texto destoa do tema. A abordagem,

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia na Universidade de São Paulo. Contato: felipecatalani@gmail.com.

entretanto, não deixa de ser extremamente produtiva em seu exercício de “tradução”, pois ela é uma espécie de defesa de Adorno de um ponto de vista não adornoiano, o que ao menos impede que o texto seja uma mera glosa de seu objeto de estudo. O livro, inclusive, vem recebendo grande atenção no ambiente universitário europeu.<sup>2</sup>

O problema central a ser investigado por Freyenhagen é o problema da normatividade. O problema não é extemporâneo, pois ele se tornou uma preocupação central da filosofia contemporânea, em especial a partir da assim chamada guinada normativa da teoria crítica colocada por Jürgen Habermas. A posição do autor é bem clara: sem normatividade não há filosofia, não há pensamento (que se leve a sério). Assim, na medida em que Freyenhagen busca investigar a normatividade em Adorno, ele está ao mesmo tempo tentando salvá-lo do que seria considerado um “nihilismo” (moral, teórico etc.), que constituiria aquele grupo de teóricos com os quais a filosofia analítica (assim como os teóricos da ação comunicativa) tende a desconsiderar de princípio, pois não partilhariam nem das premissas básicas.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Recentemente, o *European Journal of Philosophy* (vol. 25, n. 3, 2017, p. 840-874) dedicou uma seção especial (*book symposium*) ao livro de Freyenhagen, com comentários de Amy Allen, Robin Celikates e Brian O’Connor, acrescido de uma resposta do próprio Freyenhagen. Ressalto ainda o comentário de Amaro Fleck sobre o livro, publicado na revista espanhola de teoria crítica *Constelaciones* (n. 5, dez. 2013).

<sup>3</sup> Sabemos bem que, na verdade, tais rivalidades já foram mitigadas no encontro feliz entre o Neopragmatismo Americano, a “Ideologia Francesa da Transgressão” e o “cosmopolitismo ético da Teoria Alemã da Ação Comunicativa”, resultando em um belo jantar das prósperas democracias industrializadas do Atlântico Norte – é esse o clima analisado há vinte anos por Paulo Arantes em sua resenha do livro *A filosofia e o espetáculo da natureza*, de Richard Rorty (ARANTES, P. “A transformação da filosofia”, fonte: [http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/5/01/caderno\\_especial/5.html](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/5/01/caderno_especial/5.html)). Esse tom ameno da filosofia universitária do hemisfério norte frente às coisas do mundo, que aparece

O que impulsionou a busca da teoria crítica por um fundamento normativo não foi outra coisa senão a crise da *crítica imanente* no novo estado das coisas, uma perda de normatividade da própria realidade. Tal esgotamento é percebido tanto por Adorno quanto por Habermas, por exemplo em sua análise da consciência tecnocrática em *Técnica e ciência como “ideologia”*. Se a crítica imanente visava colocar o objeto em contradição com seu próprio conceito (de forma que, ao forçar essa identidade, nem o objeto nem o conceito permaneceriam inalterados em sua *Aufhebung*),<sup>4</sup> ou dito de outra forma, se ela cobrava naquilo que era criticado as promessas não realizadas (liberdade, felicidade, justiça etc.), é porque havia ali algo a ser salvo (conservado e superado). Podemos dizer que o horizonte normativo da crítica encontrava-se no próprio objeto. Entretanto, em dado momento, o cinismo bruto do capitalismo tardio passa a realizar-se sem prometer mais nada. A consciência tecnocrática não promete felicidade nem justiça, mas somente o bom funcionamento das coisas: cobrar dela o que ela promete não leva a outra coisa, a não ser a ela mesma.<sup>5</sup> É nesse contexto que, segundo Haber-

---

explicitamente em Rorty, parece ser o mesmo de Freyenhagen.

<sup>4</sup> “A crítica confrontava a sociedade burguesa, econômica assim como moralmente, com suas próprias normas” (ADORNO, T.W. *Minima moralia*. Trad. G. Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008, p. 81). A crise da ironia como crítica, segundo Adorno, indica justamente essa “desnormatização” da realidade e uma alteração do funcionamento ideológico: “Ela [a ironia] encontra o negativo na medida em que confronta o positivo com sua própria pretensão de positividade. O *medium* dela, a diferença entre ideologia e realidade, desapareceu. A primeira resigna-se a confirmar a realidade através de uma duplicação pura e simples desta” (idem: 184-5).

<sup>5</sup> A ideia, segundo a qual ocorre uma “desnormatização moral” da realidade que passa a se reproduzir de forma cínica e sem prometer nada para além dela a não ser ela mesma (partilhada por Adorno e Habermas), é criticada por Rahel Jaeggi em *Kritik von Lebensformen* (Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2013). A autora defende que tal desnor-

mas, a crítica imanente perde força. Frente a isso, ele parte em busca de fundamentos éticos normativos e aterrissa no mundo da democracia e do direito, mudando o trajeto daquilo que se convencionou chamar de “teoria crítica”.

Não é esse o caminho de Adorno, mas a intuição de que a crítica imanente encontrava impasses lhe é comum. Freyenhagen bem percebeu isso como um problema relativo à normatividade moral:

Adorno aponta que confrontar a sociedade burguesa com suas normas morais pode simplesmente ter o efeito de que essas normas são abandonadas, e não que haverá uma transformação social para que elas sejam realizadas. [...] Não há mais discrepância entre o que o mundo social apresenta para ser realizado (seus ideais) e sua realidade atual. Sem tal discrepância, a crítica imanente não pode seguir adiante (Freyenhagen 2013: 14).

Neste trecho, o autor reproduz o argumento do aforismo 134 da *Minima moralia*, onde Adorno trata do fracasso da ironia enquanto forma de crítica que necessita da discrepância entre o objeto e sua norma: “Não há nenhuma fenda na rocha do existente onde o irônico possa se agarrar”.<sup>6</sup> Freyenhagen, entretanto, vai um pouco rápido demais e dá a impressão de que a crítica imanente não cumpre mais nenhum papel na obra tardia de

---

matização seria impossível e que, sem normas, não há sociedade. Porém, parece existir nesse aspecto uma confusão entre normas de funcionamento e “aquilo que a realidade promete” (como algo que a transcenda e que não seja seu mero bom funcionamento), que é o que sustenta a crítica imanente em sentido “clássico”.

<sup>6</sup> ADORNO, T.W. *Minima moralia: Reflexões a partir da vida danificada*. Trad. L. Bicca, rev. G. de Almeida. São Paulo: Ática, 1992, p. 185 (trad. modificada).

Adorno.<sup>7</sup> De forma parecida, em seu extenso livro sobre a [crítica da] filosofia moral de Adorno, a dialética não ocupa nenhum lugar relevante em seu argumento. Curiosamente, a argumentação desemboca na tese do “aristotelianismo negativo” de Adorno, aproximando a ideia adorniana de normatividade à de Aristóteles – o filósofo da não-contradição por excelência.

Os textos de Adorno trabalhados por Freyenhagen, nos quais são trabalhados diretamente problemas da moral, são basicamente a *Dialética negativa*, a *Minima moralia* e os dois cursos nos quais Adorno se dedica à filosofia moral kantiana, a saber, *Problemas de filosofia moral* (1963) e *Doutrina da história e da liberdade* (1964/1965), além de um curso ainda não publicado sobre filosofia moral ministrado em 1958 ao qual Freyenhagen teve acesso no Adorno Archiv.

No esquema de Freyenhagen, o horror social é precisamente o que ele chama de mal efetivado, e o problema colocado é a ausência de normatividade possível que emane de alguma ideia de bem, pois o bem, assim como a liberdade (que, no limite, é idêntica ao bem), é algo que ainda não existe e portanto só pode ser concebida como negação do horror e da dominação.<sup>8</sup> Daí a necessidade de encontrar um *potencial normativo no mal* (não por acaso, as figuras demoníacas da dialética): por isso, a ética da resistência de Adorno é mínima, pois não provém

---

<sup>7</sup> Algo criticado também por Celikates em seu comentário “Critique and Resistance: Ethical, Socio-theoretical, Political? On Fabian Freyenhagen’s *Adorno’s Practical Philosophy*”. *European Journal of Philosophy* 25 (3), p. 846-853, 2017. Fonte: <https://doi.org/10.1111/ejop.12298> (consultado em 22/09/2017).

<sup>8</sup> Ver discussão de Freyenhagen sobre negativismo epistêmico (e outras formas de negativismo) na introdução do livro.

nenhuma norma ou princípio relativo ao bem que possa guiar a ação prática a não ser uma negativa.

No limite, Freyenhagen parece querer desmentir a célebre frase de Adorno de que “não há vida correta na falsa”. O subtítulo de seu livro (“*living less wrongly*”) já dá notícias desta intenção. Por um lado, ele compreendeu bem o papel que tem o *exagero* no pensamento de Adorno. O vínculo entre verdade e exagero é explicitado, por exemplo, quando ele diz que, na psicanálise, somente seus exageros são verdadeiros (uma frase que é também em si exagerada). Também suas frases enfáticas (é impossível escrever poemas após Auschwitz, o conceito é a barriga que se tornou espírito etc.), próprias de seu estilo abrupto, têm essa dimensão excessiva, rápida demais, forçosa, mas que têm algo de iluminação repentina, de *Einsicht* no objeto, como uma verdade que se *flagra*. Entretanto, ao reconhecer esse caráter exagerado como algo puramente retórico, Freyenhagen parece querer mitigar o teor enfático das afirmações, retornando sempre a uma posição moderada. Sua conclusão é que é possível viver menos erradamente e seus exemplos são banais e óbvios, seja de pessoas: Nelson Mandela, Madre Teresa de Calcutá, entre outros ganhadores do prêmio Nobel da paz, assim como exemplos de ações: reciclar o lixo, prevenir o aquecimento global etc. (Freyenhagen 2013: 72 e 154). Depois de toda ginástica conceitual em torno da normatividade, Adorno não parece entrar em grandes contradições com o senso comum moral da classe média europeia e seu senso de moderação, com seu princípio de autocontenção, dando a ele somente um toque de negatividade.

O “nexo de culpa”, ao qual Adorno se refere em sua tese sobre a impossibilidade da vida correta, é a participação de todos no mal (isto é, na sociedade capitalista moderna), e não há uma forma de vida dada que não esteja impregnada por ele: “o que quer que façamos, estamos implicados no mal.” (Freyenhagen 2013: 66). Entretanto, a negatividade demoníaca que parte do mal (como momento indissociável do bem) é muito distinta da ideia de “viver menos erradamente”, que está muito mais próxima de algo gradual, ou até mesmo quantitativo (mais mal, menos mal). A proximidade do “*less wrong*” com o contentamento conformista do “menos pior” também merece nota.

O poema *Aos que vão nascer* de Brecht está impressionantemente próximo às considerações de Adorno sobre a moral (algo que Freyenhagen não ignora): “Realmente, vivo em tempos sombrios. / A palavra inocente é tola. Uma testa sem rugas / Indica insensibilidade. Aquele que ri / Apenas ainda não recebeu / A terrível notícia. // Que tempos são esses, em que / Falar de árvores é quase um crime / Pois implica silenciar sobre tantas barbaridades?”.<sup>9</sup>

A ingenuidade em relação à “terrível notícia” é obscena. Não há inocentes – não saber o que aconteceu beira o crime. Pensar e escrever como se o mundo estivesse em ordem é o que há de mais imoral na filosofia e na arte – fazer algo à altura dessa exigência é um dos motes mais fortes na escrita de Adorno. Neste sentido, parece faltar algo essencial no livro de Freyenhagen, um “sentimento do mundo”, uma consciência do

---

<sup>9</sup> BRECHT, B. *Poemas (1913-1956)*. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: 34, 2012, p. 212 (trad. modificada).



estado de coisas que se implica no objeto, uma exigência moral que se sedimenta na própria linguagem. Daí o descompasso entre matéria e forma deste livro.

*Publicado em 01/11/2018.*